



Reflexões sobre a violência contra os jovens no ambiente escolar e estratégias de prevenção: uma revisão da literatura

Reflections on violence against young people in the school environment and prevention strategies: a review of literature

DOI: 10.54019/sesv5n1-004

Recebimento dos originais: 01/03/2024
Aceitação para publicação: 22/03/2024

José Welington de Jesus

Doutorando em Educação

Instituição: Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Endereço: Aracaju, Sergipe, Brasil

E-mail: jjwelington2002@gmail.com

RESUMO

Casos de violência tornaram-se bastante comuns nos dias atuais e presentes em diversos ambientes. Além de atingir a integridade física das pessoas, a forma pela qual a violência é aplicada também pode provocar prejuízos psicológicos ao indivíduo, a curto e longo prazo, fazendo com que a vítima passe a viver com isso. O uso da violência está enraizado na história da humanidade e os recentes aumentos nos casos de práticas faz com que acabe sendo uma das principais preocupações da sociedade. Nas instituições de ensino, por exemplo, os casos estão aumentando cada vez mais e não acontecem somente entre os jovens, mas também com os professores e outros profissionais. O principal objetivo desse presente artigo é compreender os motivos e as consequências negativas da violência contra os jovens no ambiente escolar. Para tanto, deve-se elaborar uma reflexão a respeito das tradições e manifestações de culturas no país e o modo como a sociedade interfere na formação do caráter do sujeito, que pode ser fundamental para a criação de indivíduos violentos. É uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa que contribuirá para a sociedade em geral, em que serão utilizados artigos científicos em português, publicados entre 2014 a 2023. A pesquisa deixou clara a presença de alguns exemplos de situações de violência no ambiente escolar, motivados por fatores que vão desde a desigualdade social, até a ausência de valores éticos e morais. A construção cultural e comportamental de um indivíduo tem sua base na família e modo pelo qual as pessoas conhecem o mundo, depende diretamente da forma que acontecem os ensinamentos nas próprias casas.

Palavras-chave: violência, prejuízos psicológicos, tradições, ética.

ABSTRACT

Cases of violence have become quite common nowadays and present in diverse environments. In addition to harming people's physical integrity, the way in which violence is applied can also cause short- and long-term psychological harm to the individual, causing the victim to start living with it. The use of violence is rooted in



human history and the recent increases in practice cases make it one of society's main concerns. In educational institutions, for example, cases are increasing more and more and do not happen only among the young, but also with teachers and other professionals. The main objective of this article is to understand the motives and negative consequences of violence against young people in the school environment. To this end, a reflection should be drawn up on the traditions and manifestations of cultures in the country and the way in which society interferes in the formation of the character of the subject, which may be fundamental for the creation of violent individuals. It is a bibliographic review of qualitative approach that will contribute to society in general, in which will be used scientific articles in Portuguese, published between 2014 to 2023. The research made clear the presence of some examples of situations of violence in the school environment, motivated by factors that range from social inequality, to the absence of ethical and moral values. The cultural and behavioral construction of an individual has its basis in the family and the way in which people know the world, depends directly on the way in which the teachings take place in their own homes.

Keywords: violence, psychological damage, traditions, ethics.

1 INTRODUÇÃO

As manifestações de violência, atualmente, são responsáveis por consequências negativas a grande parte dos indivíduos, sobretudo danos físicos ou psicológicos, que costumam acompanhar as vítimas durante um bom tempo. Nas ruas, casas, ou escolas, tem se tornado bastante comum presenciar ou noticiar casos em que foram utilizadas ações violentas por parte dos representantes e muito disso se dá pelo modo em que os praticantes foram ensinados. A partir do momento em que a base familiar e o tratamento dos pais é realizado de modo violento, a criança vai crescer com o pensamento de que também pode fazer aquilo com o seu semelhante.

De acordo com diversas pesquisas de órgãos de representação nacional, o Brasil é classificado como um dos países mais violentos do mundo, em que boa parte das ações repressivas levam ao aumento no número de homicídios. No país, diariamente, uma grande quantidade de registros de crimes são realizados, desde agressões físicas, psicológicas, sexuais, morais e, entre os mais recorrentes, contra a mulher. Dois dos principais motivos que levam à manifestação da violência são a desigualdade social e a vulnerabilidade de algumas famílias. O país possui uma das piores taxas de pobreza da América Latina e isso tem levado algumas pessoas a praticar agressões enquadradas em diferentes âmbitos ao



outro.

A atuação do *bullying*, por exemplo, tem sido constante e acaba transformando, principalmente, as vítimas. Essa situação tem aumentado, inclusive, os casos de problemas psicológicos no país, entre os jovens. Sendo assim, de que forma é manifestada a violência no ambiente escolar? Quais as possíveis estratégias, eficazes a curto prazo, para prevenção dos casos de violência? São indagações muito presentes nos últimos dias, sobretudo pelo fato de que é preciso compreender e transformar a mentalidade de boa parte dos jovens.

É muito difícil de se falar, hoje, que as escolas são ambientes que transmitem segurança e locais em que os jovens devem se sentir acolhidos e protegidos. Ultimamente, diversos casos de estudantes que carregam armas dentro das mochilas, ou de práticas de homicídios nas instituições de ensino estão se tornando muito comuns e isso tem preocupado, além das famílias, todo o país. As causas são variadas, porque dependem diretamente de todo o contexto em que as escolas e os alunos estão inseridos, porque há interferência de fatores internos e externos.

Dessa forma, pode-se justificar a importância do tema para os meios social, acadêmico, científico e para a formação individual. No meio social, o documento serve para levar conhecimento à população, além de servir como um alerta, para que tenham maior cuidado com os filhos e os ensinamentos que são passados em casa. Em meios acadêmico e científico, deverá fazer parte de novos estudos na área, expandindo as discussões e debates, a fim de elaborar ações educativas de combate à violência nas escolas. Partindo desse pressuposto, fica claro que também é possível de ocasionar o crescimento pessoal e profissional do próprio acadêmico.

Sendo assim, o objetivo central do estudo será compreender os motivos e as consequências negativas da violência contra os jovens no ambiente escolar.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada entre os meses de setembro e dezembro 2023, utilizadas fontes das bases de dados Google Acadêmico e SciELO. Trata-se de uma revisão bibliográfica, de caráter qualitativo, em que foram usados artigos



científicos, em idioma português, publicados entre 2014 a 2023. Foram consideradas, para o critério de inclusão, as bibliografias abordando os temas: violência nas escolas; práticas de agressão no ambiente escolar; violência entre jovens no ambiente escolar; manifestações violentas nas instituições de ensino. A pesquisa possui os procedimentos de Leitura Exploratória de todo o material selecionado, leitura seletiva e aprofundada das partes que realmente interessam ao trabalho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos últimos anos, os casos de violência nas escolas estão se tornando cada vez mais comuns e frequentes, fazendo com que este surja como um problema emergente para a sociedade e desafio aos professores e demais componentes do contexto estudantil. Por fatores que dizem respeito a uma variedade de situações, os jovens estão se criando com uma mentalidade mais violenta, geralmente oriunda dos ensinamentos em suas próprias casas, levados a outros espaços. O desrespeito e as agressões que acontecem com os colegas de turma e, até mesmo, com os professores, representam uma triste realidade do cotidiano atual (CABRAL, 2016).

A formação dos estudantes e o ambiente escolar, de modo geral, diante de toda essa realidade de práticas violentas entre os jovens, acabam sendo afetados e interferindo diretamente em toda a vida educacional das pessoas. Um adolescente que, diariamente, sofre discriminação por parte dos seus amigos – racial, social, sexual, de gênero etc. –, irá sofrer durante toda a vida. Algumas pessoas, pelos ensinamentos que recebeu em casa e pelas tradições que lhes são apresentadas, tendem a segregar alguns indivíduos, por apresentar comportamentos diferentes dos seus. Isso já é um tipo de violência e, no futuro, pode levar a agressões (DIAS; SOARES, 2017).

No Brasil, de acordo com Pinto (2015), as práticas de violência fazem parte de um desenvolvimento histórico e estrutural do país. A formação do território brasileiro tem marcações de casos de violência e, diante disso, a construção de culturas e tradições de algumas famílias estão presentes nessa situação. O país, hoje, é considerado como um dos mais violentos do mundo e a população carcerária também figura entre as maiores. Casos de preconceito com os negros



e, por exemplo, com pessoas de outras regiões (xenofobia), são comuns no Brasil e há relatos de vários homicídios que giram em torno de tudo isso (PINTO, 2015).

Conforme estudo de Kappel *et al.* (2014), desde o momento em que os portugueses chegaram ao território brasileiro, muitas rebeliões fizeram parte do contexto sócio-histórico do país e estão enraizadas em algumas regiões da federação. As manifestações utilizadas para conseguir emancipação política, como é o caso da Revolta dos Balaios, Cabanagem, Sabinada e Farroupilha; o período da Ditadura Militar, que também é bastante lembrado nos dias atuais, pela repressão política com as pessoas e foi marcado por muita violência; a presença de facções criminosas e tráfico de drogas. Muitos são os casos que demonstram a presença de práticas de violência em território nacional e isso acabou se estendendo até os dias atuais, de forma mais ampla e constante (KAPPEL *et al.*, 2014).

Todo esse contexto de rebeliões e revoltas interferem diretamente na formação de pessoas mais violentas para o Brasil atual. A cultura das pessoas é transmitida de geração para geração e os aprendizados das crianças são oriundos dos ensinamentos dos pais. Uma família que convive em um cotidiano violento, em que os pais possuem atitudes agressivas e não transmitem carinho, acaba criando um jovem/adulto também violento e que irá reproduzir essas atitudes em outros ambientes. Tornou-se bastante comum a existência de noticiários de casos de alunos que atacam antigas escolas, por confusões antigas com professores e colegas e cometem assassinatos. Isso faz com que, hoje, a sociedade passe a discutir ainda mais esses casos, em busca de formas para combater e acabar com esses casos (PAIVA; MEJÍA-HERNÁNDEZ, 2017).

Na contemporaneidade, segundo pesquisa de Bispo e Lima (2014), essa situação de crescimento da violência no contexto escolar “[...] passou a ocupar um lugar de destaque nos discursos sociais, escolares e midiáticos, o que tem levado a um aumento de pesquisas sobre o tema” (p. 162). Os debates acerca do tema dizem respeito a uma busca por respostas, motivos específicos que levam aos acontecimentos, relações com a formação social dos indivíduos, além de política e econômica da sociedade. A violência acaba sendo rodeada de questionamentos e, da mesma forma, riscos, por se tratar de um tema bastante presente no cotidiano das relações entre seres humanos e isso eleva a



necessidade de levar o tema a outros espaços e novas discussões (BISPO; LIMA, 2014).

De acordo com Arrúa *et al.* (2019), a violência escolar deve ser encarada como um “[...] fenômeno social em quase todas as escolas, que precisam do nosso interesse, pois podem ter consequências muito negativas para os alunos, nos últimos tempos os números aumentam em porcentagens” (p. 171). Os autores ainda apresentam as práticas agressivas no espaço escolar como um fator que afeta, de forma significativa, a boa convivência nesse mesmo ambiente, além da formação dos indivíduos. Também pode ser compreendida, a violência, como “[...] a conduta de perseguição física e/ou psicológica que um estudante ou aluno contra outro que escolhe como vítima de repetidos ataques, tais violências frequentemente incluem comportamentos de várias naturezas [...]” (ARRÚA *et al.*, 2019, p. 172).

Conforme visto em Amarante (2023), uma pesquisa realizada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) apresentou índices preocupantes sobre a violência dentro ou ao redor das escolas. Um número de 150 milhões de adolescentes de 13 e 15 anos que, em algum momento, já sofreram algum tipo de agressão. Toda essa situação provoca comportamentos distintos por parte desses jovens: alguns deles abandonam as escolas, ou não sentem segurança em fazer o caminho de casa para a escola, ou vice-versa. São pontos de grande relevância, porque faz a sociedade questionar sobre o que está sendo criado e até que ponto isso irá interferir na vida pessoal e profissional da vítima (AMARANTE, 2023).

As escolas deveriam ser locais seguros, a ponto de deixar os pais/responsáveis relativamente tranquilos ao deixar seus filhos naquele espaço. Além disso, as instituições de ensino também são um ambiente que forma o intelecto, desenvolve habilidades e capacidades, construtor de seres críticos, pensantes e aptos a solucionar os mais adversos problemas que existem na sociedade. No entanto, nos últimos anos, situações contrárias a isso estão acontecendo em índices cada vez mais assustadores, partindo a um ponto nunca imaginado. O destaque de algumas escolas, na mídia, ocorre para informar casos de agressão e desrespeito, seja entre alunos ou destes com os professores e é preciso agir para mudar (BECKER; KASSOUF, 2016).



De acordo com Bispo e Lima (2014), os casos de violência nas escolas não são tão recentes e não acontecem somente no Brasil. Chama a atenção – e isso tem feito com que esse problema torne-se uma preocupação de interesse nacional, provocando pesquisas – o fato de que o país é detentor de um dos maiores índices violentos. Na Europa, por exemplo, ainda conforme estudo desenvolvido por Bispo e Lima (2014), “[...] o tema começou a ser estudado nos países escandinavos na década de 1970, atingindo outros países como a Inglaterra, a Holanda e a Espanha na década de 1980 e promovendo uma maior compreensão das diversas facetas que envolvem [...]” (p. 165). No Brasil, ganha força a partir de 1980, a partir do processo de democratização das escolas, resultando nos casos de violência (BISPO; LIMA, 2014).

Muitos fatores são responsáveis, direta e indiretamente, para que a violência no espaço escolar aconteça em índices tão alarmantes. Entre os principais, Santos (2015) destaca a falta de interesse dos órgãos responsáveis em investir na segurança; o aumento recente no uso de drogas, sobretudo o álcool e a nicotina; a mídia, que é um dos fatores de maior predominância dessas situações, sobretudo quando percebe-se que, hoje, quase todas as crianças/jovens possuem um aparelho de celular em mãos, que as leva a mundos perigosos; desigualdade social, que leva a um sentimento de segregação; pouco investimento na educação, que é um dos principais, porque interfere diretamente na construção de um ambiente mais saudável a todos (SANTOS, 2015).

[...] a indisciplina não existe apenas por trás dos meios socioculturais ou econômicos, também nasce pela falta de afetividade, pelo resgate dos valores. Em um ambiente onde não há compreensão, diálogo, amor e socialização familiar; com certeza há um sentimento de revolta e nojo e uma criança nascida em um lar desequilibrado; onde não há afetividade familiar, logicamente, você se sentirá rejeitado pela vida, desanimado, e a tendência será desprezar, em toda e toda a sua revolta. As crianças indisciplinadas não admitem receber ordens e não aceitam regras, nem tão pouco, limites impostos pelo professor ou pela escola. Dessa forma, nota-se que a indisciplina, infelizmente, gera sérios transtornos, tanto em sala de aula quanto até na escola, demonstrados através da quebra de regras, bem como a falta de limites que os alunos demonstram desafiando os professores por meio de atividades agressivas (ARRÚA *et al.*, 2019, p. 173).

De acordo com Faria (2020), “[...] a violência escolar afeta a capacidade psicológica tanto de alunos quanto dos professores envolvidos no processo ensino-aprendizado” (p. 11). As práticas agressivas acabam sendo demonstradas



como mais nocivas, quando ocorrem com crianças e adolescentes, porque serão lembradas por muito tempo e podem reprimir, em muitas situações, esses jovens. Da mesma forma, “[...] a violência escolar pode afetar a saúde das vítimas causando depressão, ansiedade, medo e dificuldades de concentração, o que por sua vez pode levar a perda de bem-estar físico e psicológico” (FARIA, 2020, p. 11).

Ainda de acordo com Bispo e Lima (2014), a representação da violência, independentemente do ambiente em que ela é demonstrada/praticada, “[...] é um processo com uma lógica própria, pela qual todos nós temos alguma responsabilidade. Não se trata de uma lógica restrita ao sujeito, nem ao seu núcleo familiar” (p. 165). Ou seja, a violência segue uma ordem de manifestações e possui causas e consequências aparentes, que são oriundas de uma lógica. As agressões são, nesse contexto, atitudes de efeito contagioso, que pode levar outros indivíduos a também realizar. Ou seja, “[...] a diversidade e a complexidade das manifestações, etiologias e formas de abordagem da violência a fazem resistente a indicadores quantitativos precisos e simples” (BISPO; LIMA, 2014, p. 166).

Os adolescentes, segundo estudo de Giordani, Seffner e Dell’Aglio (2017), “[...] estão sujeitos a maior exposição à violência familiar e comunitária do que outras faixas etárias, e a violência na adolescência se constitui em grave problema de saúde pública, que pode ser observado em todos os contextos de inserção [...]” (p. 104). As escolas, nesses casos, que deveriam ser locais formadores de identidade e caráter, acabam sendo vistas como espaços em que os direitos são violados e a cidadania não é garantida. A violência na escola provoca consequências adversas e, hoje, “[...] é reconhecida pelos estudantes como multifacetada, sendo percebida em ações físicas contra si e contra o outro e agressão física e agressão verbal entre professor-aluno” (GIORDANI; SEFFNER; DELL’AGLIO, 2017, p. 104).

A negligência dos pais ou responsáveis também tem influência no comportamento do discente, uma vez que a família é a base da educação, e se não age paralelamente com a instituição de ensino, o aluno entende que seus atos não têm consequência real. Pais transferem para a escola a responsabilidade de educar e cuidar do indivíduo, tirando de si a obrigação de formar um cidadão para integrar o convívio social. [...] pais que são excessivamente autoritários e violentos, e por outro lado, pais que não têm autoridade, sujeitam



influenciar o desempenho do filho e o convívio escolar. Quando ocorrem situações externas, em que o estudante foi vítima, ele tem grandes chances de se tornar o agressor em uma próxima oportunidade, ao causar o mesmo sofrimento que lhe foi ocasionado. De qualquer forma, tudo afeta em grande escala o desenvolvimento do aluno (BARBIERI; SANTOS; AVELINO, 2021, p. 1).

É preciso que sejam buscadas, conjuntamente, estratégias que minimizem os índices de violência nas escolas, tornando o ambiente promotor de bem-estar e qualidade de vida aos alunos, além de proporcionar a formação de seres íntegros e atuantes em seu meio social. Não se deve, somente, entender quem são os culpados, mas que estes compreendam o seu papel para com a educação das crianças e jovens, auxiliando diretamente a escola em suas funções. Dessa forma, as discussões recentemente realizadas visam a procura de soluções, ou estratégias para enfrentamento aos casos de violência no ambiente escolar (DIAS; SOARES, 2017).

São indicadas, por alguns estudos, como ações para combater os casos de violência nas escolas, a militarização: policiamento nas salas de aula, treinamento de professores com técnicas utilizadas por militares, uso de detectores de metal. No entanto, isso pode atrapalhar mais do que ajudar, porque irá provocar medo nos estudantes, ao invés de conseguir o respeito. Pode aumentar, na mesma proporção, o racismo e a discriminação, gerando brincadeiras com outros colegas. É preciso que sejam discutidas estratégias mais funcionais e educativas, para que a mente dos alunos receba instruções e orientações sobre as consequências negativas da violência, demonstrando a necessidade de se manter o bom convívio (CABRAL, 2016).

Por se tratar de uma prática já enraizada no território brasileiro, não é possível de se acabar com as agressões no contexto escolar de forma automática. É preciso que, inicialmente, algumas medidas sejam tomadas, promovendo maiores discussões e busca por estratégias educativas de enfrentamento, que sejam difundidas a campos maiores. Entre as principais, Santos e Machado (2019) destacam: dialogar com os alunos e familiares, de modo a construir um vínculo afetivo entre ambos e ganhar a confiança de todos; aliar-se às famílias, orientando-as sobre as melhores formas de prevenir e fazer com que a educação seja continuada em casa; conscientizar alunos e a comunidade escolar e estabelecer normas (SANTOS; MACHADO, 2019).



De acordo com Giordani, Seffner e Dell’Aglio (2017), para que o enfrentamento aconteça e seja um sucesso, é necessário que algumas medidas sejam postas em prática. Por exemplo, “[...] a formação dos professores e funcionários da escola para que sua presença sirva como proteção aos estudantes, evitando que as vítimas revidem as ofensas sofridas, unam-se a gangues ou ainda usem a violência como norma [...]” (p. 108). Esse auxílio direto do professor pode fazer com que os alunos busquem resolver seus conflitos, evitando o uso da violência. Outro ponto destacado em Giordani, Seffner e Dell’Aglio (2017) é “[...] a valorização da participação ativa dos estudantes não apenas nos processos pedagógicos, mas também na construção de modos de resolução de conflitos nas relações sociais escolares” (p. 108). Também se destaca, de modo fundamental, “[...] a importância da implicação de toda a comunidade escolar para que as situações de violência possam ser evitadas ou solucionadas [...]” (GIORDANI; SEFFNER; DELL’AGLIO, 2017, p. 108).

São apresentadas, em Oliveira (2018), outros exemplos de ações para enfrentamento dos casos de violência no espaço escolar. O primeiro diz respeito a “[...] trabalhar com os alunos projetos ressaltando a importância de uma cultura de paz, baseada na tolerância, paciência, ajuda recíproca, respeito as pessoas e suas escolhas e direitos individuais, assegurando o livre-arbítrio de conceitos” (p. 18). É preciso fazer com que os alunos desenvolvam suas capacidades pessoais e profissionais, além de incentivar o trabalho em equipe. Deve-se destacar, também, “[...] ampliação de projetos com agilidades lúdicas, artísticas e esportivas [...]. Promoção de Grêmios escolares, tendo como finalidade a cooperação ativa dos alunos nas atividades e tomadas de decisões escolares [...]” (OLIVEIRA, 2018, p. 19).

A elaboração de projetos variados, que propiciem a busca por uma cultura de paz, é fundamental para que o combate à violência nas escolas aconteça e promova uma interação entre as instituições de ensino e as famílias. Não se pode elaborar qualquer tipo de ação, sobretudo quando diz respeito a um tema tão presente no cotidiano de vivência social, sem que a família se faça presente no local. Os professores devem interagir com os alunos, formando um contexto favorável ao trabalho e transmissão de conhecimentos. Outrossim, a escola deve



ser uma espaço em que a convivência seja aberta ao respeito mútuo (BECKER; KASSOUF, 2016).

Não se pode, nesse momento, somente indicar que existem culpados para que os casos de violência escolar estejam aumentados, ou buscar soluções rígidas e autoritárias para acabar com esse problema. Não se combate violência com agressividade. A melhor opção é educar os jovens do futuro, de modo que percebam as consequências negativas da violência, procurando formas saudáveis de fazer com que essas práticas sejam evitadas. As escolas devem ser ambientes acolhedores, em que os pais sintam a segurança de deixar seus filhos (MEINHART; SANTOS, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo visou ampliar e aprofundar os conhecimentos acerca da violência no ambiente escolar, levando o indivíduo a perceber as possíveis origens e como ocorre a formação de um ser violento, bem como possíveis estratégias educativas de enfrentamento às agressões mais comuns. Sendo assim, partindo de todas as análises que foram previamente realizadas e contribuições de autores, fica claro que muitas práticas violentas ocorrem dentro das escolas: desde os apelidos, que podem parecer simples brincadeiras, até casos mais graves, em que os envolvidos fazem uso de armas e/ou outros objetos para machucar os demais.

Os resultados obtidos na presente pesquisa podem, portanto, auxiliar a sociedade e a academia, por demonstrar que a formação ética e moral dos indivíduos está diretamente embasada nas famílias e o modo como os pais tratam os filhos pode ser levado por estes a outros ambientes, inclusive as escolas. Se, em casa, o tratamento ocorre de forma violenta, essa mentalidade será enraizada e, depois, desenvolvida. Muitos professores não conseguem mais ter o controle sobre alguns alunos, porque a imposição de regras e punições pode ocasionar mais violência.

Dessa forma, fica claro que todos os objetivos anteriormente propostos (geral e específicos), foram alcançados. É preciso realizar um trabalho psicológico, dentro das escolas, com alunos, professores e as famílias/comunidade, de modo a trazer a realidade da violência e as



consequências negativas advindas da mesma. A formação de todos é fundamental e a participação dos responsáveis é indispensável, para que o trabalho continue nas residências. A produção encontrou limitações quanto à disposição de periódicos acerca do conteúdo, demonstrando também a necessidade e recomendações para que sejam realizados estudos futuros.



REFERÊNCIAS

AMARANTE, Suely. Violência escolar e possíveis estratégias de enfrentamento. **Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ**, Salvador/BA, 01/09/2023. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/violencia-escolar-e-possiveis-estrategias-de-enfrentamento>>. Acesso em: 10 de dez. 2023.

ARRÚA, Ana Letícia Aquino. *et al.* Violência escolar. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 8, n. 10, ISSN 2316-1124, pp. 170-177, 2019.

BARBIERI, B. C.; SANTOS, N. E.; AVELINO, W. F. Violência escolar: uma percepção escolar. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 7, 2 de março de 2021.

BECKER, Kalinca Léia; KASSOUF, Ana Lúcia. Violência nas escolas públicas brasileiras: uma análise da relação entre o comportamento agressivo dos alunos e o ambiente escolar. **Nova Economia**, v. 26, n. 2, pp. 653-677, 2016.

BISPO, Fábio Santos; LIMA, Nádia Laguárdia de. A violência no contexto escolar: uma leitura interdisciplinar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 2, pp. 161-180, abr./jun. 2014.

CABRAL, F. L. Uma análise das percepções sobre a violência entre jovens da periferia no ambiente escolar. **Rev. Com Censo**, 3ª Ed. Regular, nº 4, pp. 65-71, março de 2016.

DIAS, Carlos Henrique Viana; SOARES, Letícia Barbosa. Os reflexos da violência no ambiente escolar. **Política Educacional, Gestão e Aprendizagem – Estudos e Pesquisas 1**, Fortaleza/CE, pp. 143-150, 2017.

FARIA, Antônio Cláudio Lopes de. **Violência nas escolas e desempenho dos estudantes do ensino médio no Brasil**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia. Viçosa/MG, 2020.

GIORDANI, Jaqueline Portella; SEFFNER, Fernando; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 1, pp. 103-111, jan./abr. 2017.

KAPPEL, Verônica Borges. *et al.* Enfrentamento da violência no ambiente escolar na perspectiva dos diferentes atores. **INTERFACE – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, n. 51, pp. 723-35, 2014.

MEINHART, Daiane Beatriz; SANTOS, Eliane Gonçalves dos. Violência escolar o desafio da atualidade: implicações na prática profissional do professor. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, pp. 244-256, jan./abr. 2020.

OLIVEIRA, Jassara Tuane de. **Violência no âmbito escolar**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia). Centro Universitário Atenas. Paracatu, 2018.

PAIVA, Ilana Lemos; MEJÍA-HERNÁNDEZ, Juana María Guadalupe. A violência entre adolescentes no contexto escolar. **DESIDADES**, número 14, ano 5, mar. 2017.



PINTO, Nalayne Mendonça. Percepções de jovens sobre conflitos e violências na escola. **DILEMAS**: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Edição Especial, n. 1, pp. 165-187, 2015.

SANTOS, José Vicente Tavares dos; MACHADO, Elisabeth Mazonon. A violência na escola e os dilemas do controle social: uma proposta pedagógica. **Rev. Bras. Segur. Pública**, São Paulo, v. 13, n. 2, pp. 106-125, ago./set. 2019.

SANTOS, Vilson Ervandil Messa dos. **O docente e sua formação frente a violência no ambiente escolar**: um novo olhar. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências da Natureza). Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. Uruguaiana/RS, 2015.